

Organizadores:

Renato Yahe Krahô
Francisco Edviges Albuquerque
Eliane Cristina Testa



Literatura Indígena do Tocantins

Atena
Editora
Ano 2023

Organizadores:

Renato Yahe Krahô
Francisco Edviges Albuquerque
Eliane Cristina Testa



Literatura Indígena

do Tocantins

Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Desenho da capa

Ivan Javaé

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª MiraniIde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Renato Yahe Khahô
 Francisco Edvigés Albuquerque
 Eliane Cristina Testa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L776 Literatura indígena do Tocantins / Organizadores Renato Yahe Khahô, Francisco Edvigés Albuquerque, Eliane Cristina Testa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-1830-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.306232809>

1. Línguas indígenas - Literatura. I. Khahô, Renato Yahe (Organizador). II. Albuquerque, Francisco Edvigés (Organizador). III. Testa, Eliane Cristina (Organizadora). IV. Título.

CDD 498

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Krahô, Karajá, Javaé e Xerente são as etnias que compartilham algumas de suas danças rituais, festas tradicionais, artefatos culturais, histórias de animais e outros seres contadas e transmitidas de geração a geração e que são parte da identidade cultural desses povos. A interculturalidade requerida e presente nos processos educacionais escolarizados pode ser conhecida pelas releituras de contos não indígenas que são reelaborados a partir de significações próprias desses grupos étnicos.

O livro “*Literatura Indígena do Tocantins*” é multilíngue, escrito nas línguas nativas de cada povo e em Língua Portuguesa, como parte das políticas de valorização linguística requeridas pelas comunidades, lideranças e educadores e asseguradas nas legislações específicas que tratam da Educação Escolar Indígena.

O direito à Educação Escolar Indígena intercultural, específica e diferenciada é materializado nas linhas que compõe essa bela coletânea de textos e vivências de alguns dos povos indígenas que vivem no hoje, Estado do Tocantins e representa a possibilidade de trabalhos adequados à diversidade cultural indígena no Brasil.

O desafio é fazer com que o livro chegue às escolas indígenas e não indígenas e passem a compor o conjunto de materiais paradidáticos que atendem a Lei 11.645 de 2008 que torna obrigatório o ensino das culturas e histórias indígenas e afro-brasileiras em todos os estabelecimentos de ensino do Brasil. Desta feita, poderemos continuar avançando na superação dos estereótipos que permeiam o imaginário nacional sobre os povos indígenas no Brasil e “esperançar” a construção de um país plural que valoriza e respeita as diversidades.

Kamury Kaingang (Rosani de Fatima Fernandes)
Pedagoga e Antropóloga – Doutora em Antropologia Social e Mestre em
Direito pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

JAVAÉ

WERYRYIRASÒ – ARUANĂ MIRIM1

KARAJÁ

DANÇA MARAASI 4

KARAJÁ

ARCO E FLECHA 8

KRAHÔ

O MACACO E O JABOTI10

TÔN JÕ PRY

CORRIDA DO TATU13

KRAHÔ

A CHAPEUZINHA VERMELHA - NA VISÃO DA SÍLVIA KRAHÔ14

KRAHÔ

CONTO DA BORBOLETA - WEWE NĂ ÎNCRA XĂ17

KRAHÔ

HISTÓRIA DO POVO KRAHÔ19

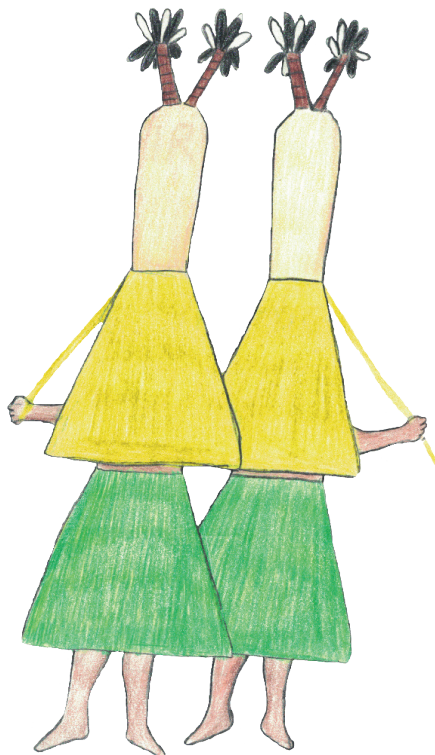
XERENTE

A RAPOSA, O URUBU E A ROLINHA 22

XERENTE

ESTRELA - WASI TOPRE 24

WERYRYRASÒ – ARUANÃ MIRIM



O Aruanã Mirim faz parte da cultura do Povo Javaé, que é dedicado aos meninos e meninas. Por meio dela as meninas têm o primeiro contato com o mundo das danças e cantorias, assim, as meninas aprendem as danças. Nestas festas existem vários tipos de brincadeiras, tanto para os meninos, como para as meninas, com idades entre cinco e dez anos.

A Feata do Aruanã Mirim é de responsabilidades das pessoas adultas, tanto da parte masculina como da feminina. Toda a organização da festa é realizada com a chegada do Aruanã na aldeia da comunidade local. Não importa a época do ano, pode ser no inverno ou no verão. Essa Aruanã não é de responsabilidade do pajeou do chefe da festa cultural do povo. Ela pode ser orientada por uma pessoa comum. Porém a responsabilidade maior é dos homens. As mulheres apenas complementam para que a festa seja realizada.

Após toda a organização e preparação, acontece a chegada do Aruanã Mirim na aldeia acompanhado dos homens e das meninas. O Aruanã vem cantando em ritmo de dança até chegar ao local provisório e exclusivo para ele, que é uma pequena casa dos homens.

Depois da chegada do Aruanã, é feita uma comida preparada como uma oferenda,

respeitada e obrigatória, para que aconteça uma boa festa na aldeia. Após a refeição, o Aruanã faz a abertura oficial das danças.

Enquanto a menina enfeitada faz a companhia dançando, toda pintada, só pode parar quando o Aruanã fizer o encerramento da abertura da dança. Daí em diante, o Aruanã Mirim está livre para dançar, quer seja dia ou quer seja noite, mas sempre acompanhado com as meninas no local da dança, durante todo o tempo da festa da Araunã. O Aruanã Mirim sempre está oferecendo brincadeiras até seu último dia de permanência na aldeia. Essas são as principais brincadeiras existentes na festa são as seguintes: brincadeira do Mel, O Buraco, Carvão, Cabo de Guerra, Tamanduá, Macaco Guariba, Veado, Homem Branco e Peixe Assado

Essas brincadeiras do Tamanduá, Macaco Guariba, Veado e Homem Branco são voltadas para os Homens, porém, as mulheres e as crianças só podem acompanharem e assistirem. Portanto, esses são os objetivos dessas brincadeiras, visto que a Brincadeira do Mel sempre acontece duas vezes, após a chegada do Aruanã.

Antigamente o mel era buscado na mata, mas, hoje é feito artificialmente do melado de açúcar preparado no fogo, acompanhado de bolinho de arroz. Todo esse preparo é de responsabilidade da mulher adulta. Portanto, depois de tudo pronto, é aguardada abertura da festa do Aruanã, para buscar o mel. Ele vem cantando, dançando, e as meninas da comunidade estão todas enfeitadas para o receberem.

A menina que está com o mel numa vasilha faz a entrega para o Aruanã. Então o Aruanã, segue, faz duas voltas no local da dança, depois para de dançar, e o mel é levado para ser entregue na pequena casa dos homens.

A Brincadeira do Carvão é oferecida pelo Aruanã Mirim. O carvão é feito de pedaços de galhos de árvore, que são colocados no fogo para virarem carvão preto.

Esse é um trabalho coletivo, e após o carvão ficar pronto na casa dos homens, é colocado num cesto de palhas e levado para ser entregue às mulheres, para elas começarem as brincadeiras. É uma competição para ver quem fica menos pintado, menino ou menina. Essa brincadeira começa de manhã e termina à tarde e traz muitas alegrias para todos da aldeia.

A Brincadeira do Buraco é muito especial e sempre acontece depois da dança do Aruanã, no período da tarde. O buraco possui uma profundidade de mais ou menos meio metro, cavado pelas meninas e depois é colocado frutos de jenipapo verde. Mas atualmente, o jenipapo está sendo substituído por produtos industrializados, como balinhas e bolachas, que são colocados no buraco e enterrados.

Esta brincadeira tem por meta que as meninas tentem retirar os produtos enterrados, pois as meninas fazem um bloqueio tentando impedir a entradas dos meninos, para que eles não retirem os produtos enterrados. Assim, a brincadeira só termina quando os homens conseguem retirar do buraco os produtos, porém se os meninos não conseguem retirar, os produtos ficam para as meninas, que foram as vencedoras, assim terminam as brincadeiras.

Já a Brincadeira do Cabo de Guerra é uma brincadeira de competição dos meninos contra as meninas. O cabo é buscado no mato, cortado de cipó resistente, com aproximadamente, 15 metros de comprimento. Portanto, o propósito dessa brincadeira é para as mulheres tentarem levar e jogar no rio e os homens tentarem levar para casa dos homens. Assim, o objetivo da brincadeira é para quem conseguir pegar o cabo de guerra e levarem para o rio ou para casa do Aruanã.

A Brincadeira do Tamanduá Bandeira acontece somente na frente da casa do Aruanã. É exibida para todos verem, inclusive as mulheres e as crianças.

Os meninos são fantasiados imitando a simulação do formato do tamanduá. Pintados com carvão e vestidos de sacos reutilizados. Essa brincadeira acontece no período da tarde.

Quando a brincadeira começa, formada por quatro meninos, que saem da casa dos homens, exclusivamente para a brincadeira, eles param no meio do local, e em seguida, o Aruanã também sai para participar da festa e da brincadeira. Ele vem cantando uma música especial. A regra dessa brincadeira é para o Aruanã atirar flechas e acertar no tamanduá. O Aruanã atira duas vezes no tamanduá, pois a intenção é acertá-lo. A flecha é muito pequena e tudo é provisório.

Ao terminar a festa, o Aruanã juntamente com os tamanduás voltam para a casa dos homens. As demais brincadeiras como o Macaco, Veado, e homens brancos seguem as mesmas regras das anteriores e os mesmos acontecimentos.

As diferenças estão nos modos de fantasias e das cores de cada formato. Os macacos Guaribas são pintados de carvão preto, os Veados usam vermelho e alaranjado, tinta retirado do barro da terra e os Homens Brancos são vestidos de roupas velhas.

O encerramento da festa do Aruanã Mirim se dá com a Brincadeira do Peixe Assado, que acontece, especialmente, para a despedida. É de responsabilidade dos homens adultos. Os homens pescam, trazem os peixes e entregam para as mulheres adultas prepararem, assam os peixes e guardam para o momento para entrega.

Por volta das 16 horas, as brincadeiras começam e as regras são as mesmas da Brincadeira do Mel. Para isso, a menina dançarina é arrumada, enfeitada e pintada para receber e entregar os peixes assados, que vem colocados numa vasilha, para serem entregues ao Aruanã Mirim.

Após, essa dança, o Aruanã Mirim sairá novamente, para continuar dançando até o dia amanhecer como despedida da festa.

Ao finalizar a festa, no mesmo dia acontece toda a cerimônia de encerramento com comidas e oferendas para o Aruanã Mirim. Terminada a festa, o Aruanã Mirim faz a despedida e vai embora pelo mesmo caminho do mato de onde ele veio.

Portanto essa festa ainda existe e faz parte da Cultura ancestral do Povo Javaé da Ilha do Bananal do estado do Tocantins.

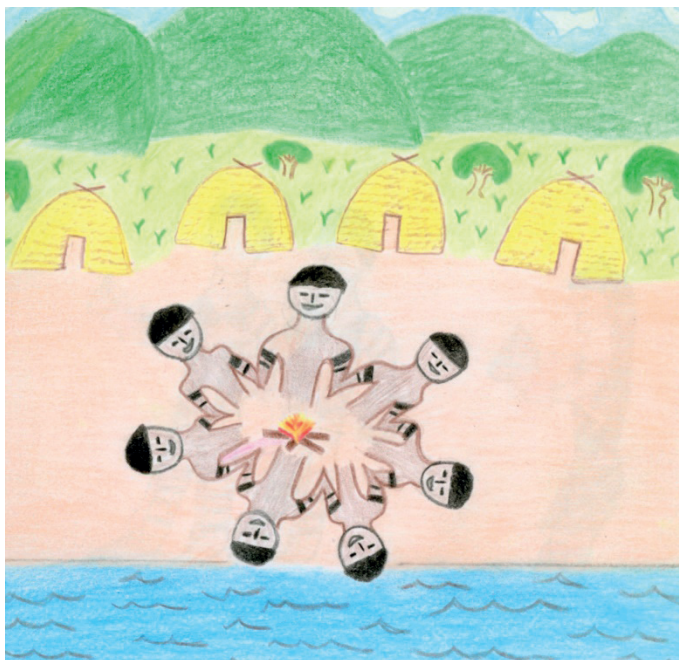
Texto: Ivan Javaé
Desenho: Ivan Javaé

DANÇA MARAASI



Maraasi é uma dança muito simples do Povo Karajá. Esta dança acontece em qualquer dia, não tem segredo e qualquer pessoa pode participar, homens, mulheres e crianças.

A Dança Maraasi é uma diversão do dia- a dia do Povo Iny.



As crianças gostam muito de participar junto com os adultos, porque para elas, é muito importante conhecerem e aprenderem as músicas e, principalmente, as danças.

De vez em quando, as crianças cantam as músicas e dançam sem precisarem dos adultos juntos delas. As crianças se juntas e se divertem muito dançando.



A Dança é feita em círculo e quando termina a dança, um segura a mão do outro e os dois começam a dançar dentro da aldeia. As mulheres jogam água neles molhando os corpos e depois eles voltam ao local onde começou a dança e continuam dançando até finalizar.



Quando a dança finaliza, eles pedem as comidas, para comerem. Assim depois de comerem, encerram todas as brincadeiras.

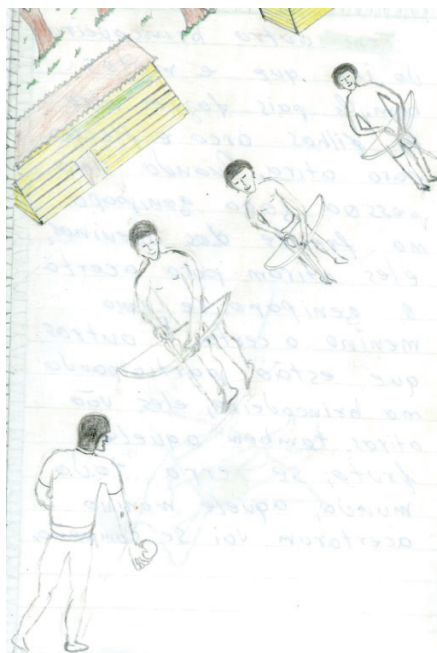
Texto: Amauri Xiriore Karajá
Desenho: Amauri Xiriore Karajá

ARCO E FLECHA

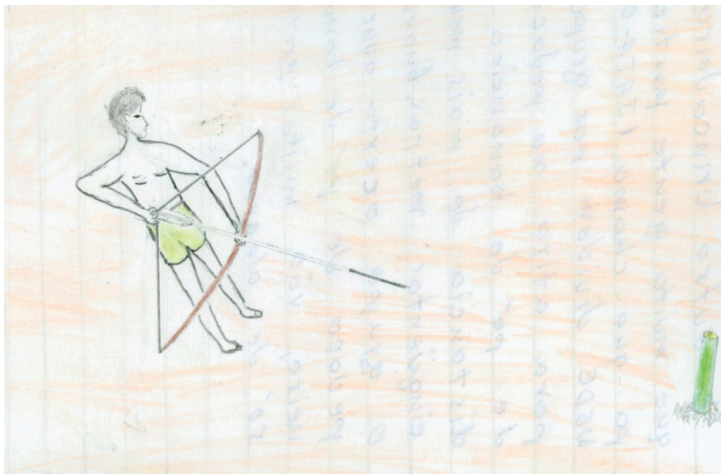


O arco e a flecha são muito importantes para o povo Iny, visto que todos usam, tanto adultos, como as crianças.

As crianças usam para três tipos de brincadeiras, como axi, axiororó e ijataó wede. Por isso, quando um adulto escolhe uma criança para bater os timbós, ela e as outras crianças participam da pesca do timbó.



Existe outra brincadeira, que é muito divertida e importante. Os pais fazem para os filhos o arco e a flecha para eles atirarem. Portanto, quando alguém joga o jenipapo na frente dos meninos, eles atiram na pessoa para acertarem, se uma criança acerta, os outros, que estão participando da brincadeira, atiram também o jenipapo, mas se errarem, o menino que acertar será o campeão.



Há outra brincadeira que muita gente participa, que é chamada Ijata-o Wede, que andam em grupo, para atirar no pedaço do pé de bananeira, com uma distância de mais ou menos cinquenta metros. Portanto, quando o grupo acerta o pedaço da bananeira, todos gritam de muita alegria e assim termina a brincadeira

Texto e Desenho: Onesimo Weumaji Karajá

O MACACO E O JABOTI



O Macaco e o Jaboti andavam juntos pelo serrado e, no meio da mata, o Macaco falou para o Jaboti.

-Vamos apostar Compadre?

- Eu irei colocar você primeiro na toca e depois de uma semana, eu abrirei para você sair, compadre Jaboti.





Após uma semana, o Macaco foi na toca e falou:

- Compadre Jaboti? – Compadre Jatobi?

Eu vou abrir e ver o compadre Jaboti. Eu acho que ele já está morto lá dentro.



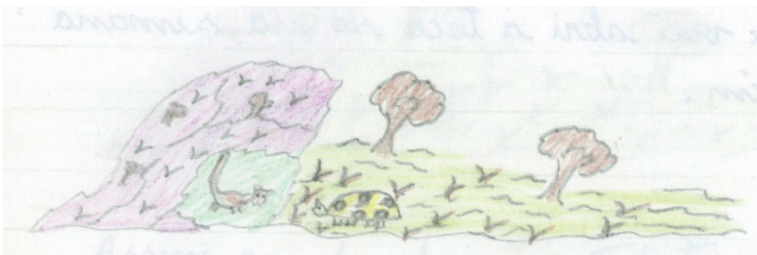
Mas assim que o Macaco abriu o buraco, o Jaboti esperto, ficou pertinho da porta para sair. Assim que o Jatobi saiu, colocou o Macaco para dentro da toca, sem condições de sair.





O jaboti falou a mesma coisa para o Macaco.

- Compadre Macaco, eu irei abrir a toca daqui a uma semana.



O jaboti foi embora, mas quando chegou o dia do combinado, o Jaboti voltou para abrir a toca.

Quando ele chegou lá chamou o Macaco

- Oh! compadre Macaco

- Oh! compadre Macaco



Mas quando ele abriu a toca, viu que o Macaco tinha morrido. Então o Jaboti foi embora

Texto e desenho: Leandro Tejapoc Krahô

CORRIDA DO TATU



Os Krahô foram para a mata e ficaram lá durante cinco dia. Eram homens e mulheres, ou seja, um total de vinte e cinco pessoas.

Eles caçavam quati, tatu, macaco, caititu, mateiro, capivara, anta e tamanduá bandeira. Eles conseguiram matar todas os animais.

As mulheres prepararam o moqué. Foram buscar pedras, lenha e palha. Logo que o moqué ficar pronto, elas puseram fogo no até ficar pronto. Em seguida, vão espalhar as pedras quentes por cima e depois espalhar a carne e pôr a palha de pati e em seguida cobrir com a terra e aguardar por duas horas.

Após duas horas, elas irão desenterrar o moqué e a carne estará assada, para comer. Depois uma pessoa irá cortar a tora para levar para aldeia.

Assim, quando a mulher esquece algum objeto como tapiti, pente, cabaça ou mocó, ela pede uma criança ir buscar onde ela deixou. Mas quando a criança chega lá, para buscar o objeto esquecido, a raposa corre atrás da criança para pegá-la.

Texto e desenho: Ariston Krahô

A CHAPEUZINHA VERMELHA - NA VISÃO DA SÍLVIA KRAHÔ



Era uma vez uma menina que se chamava Chapeuzinha Vermelha. Ela morava em sua casa na floresta.

Sua mãe fez alguns doces e pediu que a Chapeuzinha vermelha levasse para sua vó, que também morava no outro lado da floresta. Então lá se foi a Chapeuzinha Vermelha com a cesta de doces na mão. Saiu cantando, bem contente, pela estrada a fora, eu vou bem sozinha levar esses docinhos para vovozinha.



Quando ela se deu conta, lá estava o lobo mal no meio da estrada. Oi, menina, você está indo para onde com tanta pressa?

- Chapeuzinha respondeu

- Estou indo para casa de minha vó.

- O lobo mal pergunta.

- Por que você não vai por essa estrada aqui, menina? É mais perto para você.

Enquanto Chapeuzinha ia pela nova estrada, que o lobo mal lhe indicou, o lobo mal muito esperto, saiu correndo, correndo até chegar a casada vovozinha, bateu na porta, toc, toc.

-A vovozinha perguntou:

-Quem é?

- O Lobo mal entrou, e engoliu a vovozinha e se vestiu igual a ela, deitou-se na cama, em seguida, a Chapeuzinha Vermelha chegou e bateu na porta toc, toc, e o lobo mal perguntou.

- Quem é?

- Sou eu, sua netinha, vovozinha.

-Puxe a cordinha que fica atrás da porta e a porta se abrirá.



Chapeuzinha puxou a corda e a porta abriu, ela entrou e foi direto para onde o lobo estava, se passando pela sua vó.

Oi, vovozinha, como a senhora está? Parece que a senhora está muito mal, porque está com os olhos muito grandes.

O lobo mal respondeu, é para te enxergar melhor, minha netinha. E por que está com o nariz grande? É para sentir seu cheiro melhor, minha netinha.

- Então por que a senhora também está com os dentes muito grandes?

- É para te comer, Chapeuzinha Vermelha.

O lobo mal pegou e engoliu a Chapeuzinha Vermelha e todos os doces que havia

na cesta.

Mas o lobo não sabia que havia cebola junto com os doces. Começou a espirrar, espirrava até explodir. A vovozinha saiu pulando e sua netinha também e o lobo mal morreu.



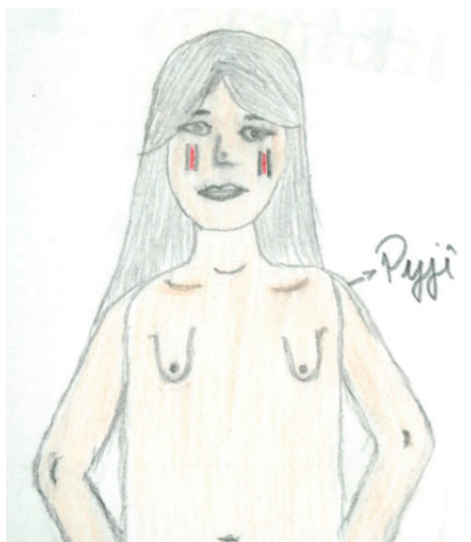
Texto e desenho: Sílvia P. Krahô

CONTO DA BORBOLETA - WEWE NÃ ĪNCRA XÀ



Ÿhỹ quê já jũm mã ihkra nõhpym, quê há tahnã pytwry te cwat quê hã hõ inxê apu to cumã hõkrepôj. Incer ita mã nẽ mẽ hũmre mãapu to hõkrepôj nare.

Hõkrepôj ita mã pyjê mã apu mẽ ihkra mã to hõ crepôj to ipa pyt kwỹ kãm mã pyjê apu to hõkrepôj to ipa.



Quê há ampo nã ihkra apu cupêamrã quê há hõ ãnxê caxuw hahĩ to nêkãm ihkra xã. ãẽ apu to hõ krepôj tom õ, pyt kãm, quêt hõt kêt nã, quêt pyt nõ impej ti kãm, quê há hũrkwa carõ kãm quê há apu to ihcuhê tom õ nẽ apu to hõkrePõj tom mõ.



Nẽ hanẽa nẽ hũrkwa kre kãm quê há arêtti kãm ihkra xi nẽ haa nã xã nẽ apu hẽco to xa, quê cumãihkra ihkêt caxuw

Nẽ hanẽa càpê mẽ hũmre nõ ãncrer pej ata quê há càpê apu to ocre.



Ajrajre ihtyj escola kre kãm apu to ãncrer to ipa. Professor ihtyj akrajre mã toihẽmpej quê mẽ hõ krepôj pej nẽ ãncrer pej caxuw, nẽ ãncrer ita te mã hajyr.

Wewe Tôre, wewe tore.

Hê to he, hê to he

Pori ca Põt to nẽpori capot to nẽ

Hê to he, hê to he

Nẽ ãncrer ita imã hahkrepôj nẽ hõ cute hajyr.

Texto e desenho: Jaciara Prupru Krahô

HISTÓRIA DO POVO KRAHÔ



Rop mẽ Jôxy mẽ Cucôj Jôren Xà

Pea xwahnã ropti apu jãxy ma: Hõpĩmã cu mã mẽ nẽ jëri pê.

- Pea mã jãxy apu Cuma: hacu mẽ rê! Pea nẽ mã ipa nẽ pur ita mã hapôj nẽ cute põhy ita pupum nẽ cute jãxy mãn:

- Hõpĩn! Cu ita apu põhy ita jompu nẽ cunẽ apu ihte cati to wxy nare.

Pea mã ropti te jãxy ma ihhêj nẽ cute põhy kêhkê nẽ cute ihcuucac nẽ cuti ihkrẽ nẽ apu jãxy mã:

- Hõpĩn pê ca apu jũmita kãm pa, ahhêto ajpên r amã ajpên jũmje ataje mẽ mẽ: Waha ma ra mô! nẽ mã te, mã jãxy mã ihk^t mẽ.

Pea nẽ mã ipa nẽ ry mã amxy mã hapôj nẽ ropti apu jãxy mã.

- Hõpĩn pê caha atỳj imã chkõnre ita py?

-Xam waha ipry mã ipa mã ikra tahna icuky?

Pea mã jãxy mã mẽ nẽ, cormã cute amxy mã, ihpro mã amxy te apu cawxỳr, mã cute ihcaaca nẽ mã ipa nẽ ry mã cagã mã cator nẽ hipêr ropti apu jãxymã:

- Hõpĩn! Pê ca atỳj imã cagã ita py?

-Xam wa ipry mã ipa nẽ ijabôj mã ikra apu tahanã icuky.

Pea mã jãxy mã mẽ nẽ cormã mã ma hipêr jãxy cagã ata wỳr mẽ nẽ cute ihtêp mã cagã te inchar, mã ropte apu cumã:

-Hacu hõpĩn! Cu mã ahkri mẽ.

Pea nẽ mã ipa nẽ rỳ mã cupẽ atar jurkwa atar hopôj nẽ cute cuje pupun nẽropte apu jãxy mã:

- Cuha nẽ apu cuje ita toxwỳj nãre. Mã jãxy kãm apu cute ita jõmpun tom õ nẽ cute innõ pyr nãre.

Pea mã ropte tee jãxy mã ihhêj nẽ cute ihnõ nẽ apu jãxy mã:

- Hõpĩn pê ca apu ampo ita kãm pa? Pa wa há mã ra rỳ mã cator mã jãxy ma ihkõt

mõ ně rỳ mã cupě ata jůrkwa atar hapôj.

Pea mã cupě ata apu mẽ cumã:

- Waha mẽ amã awjarē!

- Waha itar apu mẽ cumã harte ně wa amēcuma cuje hõ nãre xãm wa amě cu ijuhkra to wa amě apà ně cute hõ cuje ata caxàr mã jãxy mã hõ ata ton ně mẽ cu ma ham. Pea mã ropte apu jãxy pupu ně cute cuje ata caxàr mã jãxy jũh ně hompu.

Pea mã ropte apu jãxy mã: Pea ca atỳj mã te ně amjě mã cuje ata nõ py?

Pea mã ropti apu jãxy mã:

- Tě inhõ py mẽ rě!

Pea mã apu jãxy ma:

Waha itar to ajĩkaj. Pea mã mã jãxy cpu cumã: mã mẽ rě!

Waha mã te ně innõ py mẽ rěPea mã ropte ně to hykaj nãre ně cute te hamãr ihcuněa krěr ně cute cumã hahũm xãm mã jãxy mã tě ně cute ata pyr ně cute to amjãxàr ně hepêr to tě ně to cator mã ropte te cu mã hõ jahhum ata xãm ně apu jãxy mã.

Hõpĩn cuha tahnã ajkryt. Pea mã ropte apu jãxy mã. Ihhěj cute hipêr jãxy pê, ihkwỳ krěr. Pea mã rỳ mã pyt ně rỳ mã awcapàt. Cupě mã apu hikwa ně apu hõt mã ropte te cupě papejre nõ pro ně ihcuran ně ihkrěr ně ropte te crat kwỳc kãm capro xàr ně ma jãxy wỳr tom õ no cute kãm haxwỳr ně mã tě ně nõ. Mã rỳ mã apê mã cupěata te hõh popejre cahyt mã pyt xỳt ně ihkêt.

Pea mã cupě apu ropte cukej mã ropte apu cumã. Puhop! Wa itỳj nõ. Mã mãr hã jãxy te mã ihkrěr xãm cures capro ti nõ. Pea mã Cupě mã cute hõh rop jãrpor, ně jãxy wỳr to. Tě ně cute jãxy nã hõh rop ata mẽn mã cute jãxy pec mã cupě te jãxy ihcuran ně hõpoc mã ihtee kãm ně hě jamrãre. Pea mã cupě te prẽnřã pit pupun, ihu kãm ně increc ně apu ropte japê , mã mã ra ropte ata tě. Mã cupě cura hi kaj hyrkwa kãm.

Pea ně ropte heper cukôj ata to mõ, cupě ata jůrkwa ata wỳr . Mã catot kãm cukôj apu cumã ihkrar ně apu cumã:

- Hõpĩn cu iyar pa cata caha ně apu põhy ita to wxỳr nãre. Pea mã cukôj apu ropte mã. Měrě? Ně cukôj tě ropte mã ihhěj ně cute ihte cate pit keh kẽn ně ten to hapêr ně ihcupar to hujarěn ně cute ihkrer ně apu ropte mã. - Hopen pê ca apu ampo ita kam pa? Mã ropte apu cumã nãre:

- Wa ně apu ampo par nãre.

- Mã cukôj apu cumã:

- Hõpĩn waha mã r amã mã, mã ropte te ně hõ põhy ata krěr nãre ně ně ma ipa ně rỳmã ipa ně hiper amxy nã hapôj ně ropte apu cukôj mã.

- Hõpěň pê canê imã cukôj ita py?

Pea mã cukôj amã! Ně mã.

- Hõpĩn ata wỳr tě ně cute ihcuu cãc ně cute cajõc ně ropte apu cukôj mã.

- Hõpĩn ! amě hac cu ně tahmã nãre. Pea mẽ mã ipa ně cagã na hapôj ně hapêr apu cagão ita na cukôj mã.

Hõpĩn pẽ ca nẽ hĩpẽr imã ihkat xê ita py?

Mã cukôj apu hiẽr apu cumã nẽ mã cukôj cagã nẽ to tẽ nẽ to cagã ita curan nẽ cute ipyr nẽ ropte apu cukôj mã amẽ há cu rỳ mã ma mõ.

-Hõpĩn amẽn há cu. Pia nẽ ma ipa nẽ ry mã hipêr cuje jurkwa atar hapôj nẽ hipêr ropte apu cukôj mã.

- Hõpĩn cuha kãm apu cuje ita jãmpu nẽ cu nẽ inhô pyr nãre.

Pea mã cukôj apu ropte mã.

- Mã mẽ rẽ! nẽ cukôj kãm apu ropte ata pupu mã ropte ata te cuje ita pyr mã cukôj te hanẽcar ita pyr nẽ hãr nẽ kãm apu ropte ata pupu mã ropte apu cumã.

Hõpĩn há cu rỳ mã ahkre ry mã mõ mã cukôj apu ropte mã. Mã cupẽ ita jũrkwa atar hapôj mã hipêr cupẽ ata apu cumã.

Pa wa itar apu mẽ cumã harte nẽ wa nẽ apu nõ cumã cuje ita h^r nãre! nẽ cupẽ ita te ropte mẽ cukôj ata mã hõ ata há mã ropte jỹ nẽ apu.

Kucôj ata jampu. Pea nẽ ropte ata te curea hõh cje ata caxà mã cukôj te ra nẽam Hõh cuje ata pyr mã ropte te cukôj pupum nẽ kãm incyc nẽ curea ajwar hopãr .

Pea mã rỳ mã awcapàt mã ropte te popeje nõ pao nẽ cute ihkrẽr. Nẽ cute capro xãr nẽ mã cukôj wyr tom õ mã. Cukôj te ihcamẽan mã cute to amjẽ cumrã mã cute to amjẽ cumrã mã cupẽ te hõpem nẽ cute catõc pãn mã cukôj te aupẽ caxãr nẽ cute cumã ropte curan. Pea mã cupẽ te Cuma incre hor mã m ato te nẽ cute ihpra mã to ihhỹ mã kãm cahãj apu cure.

Pea mã cukôj ihprõ mã mẽ ate mẽ apam cre krẽr mã ihkrare apu cumã cukôj pẽ mẽ ute mẽ injõ inxu cre krẽr mã cukôj apu cumãate mẽ ihkrẽr.

Pea mã apu hahe nẽ cure cre ma há xar mã cute cumãihhẽj nẽ mã tẽ.

Pea mã ropte prõ apu cukôj mã ampo to wa nẽihcura xãm wa itỹjcumã ihhẽj nõ ihcuran nẽ cukôj tẽ ropte mã ihhẽj nẽ ihhõp nẽ te nẽ hõ cute ajĩr.

Texto e desenho: Célia Impejakrỳ Krahô

A RAPOSA, O URUBU E A ROLINHA



A Rolinha estava no ninho com seus filhotes, de repente ela viu a Raposa passando por baixo da árvore, olhando para cima, deixando Dona Rolinha muito preocupada.

A Raposa, então, começou a falar para ela:

- Dona Rolinha, jogue seu filho para eu comer.

- A Rolinha respondeu:

- Eu não vou dar meu filho.

A Raposa retrucou:

- Se você não jogar um de seus filhos, eu vou subir e comer todos.

Então a Rolinha jogou um de seus filhotes, para a Raposa, que comeu e foi embora.

A Rolinha começou a chorar e chorar.

De repente, o Urubu Rei apareceu e quis saber o que aconteceu com ela.

A Rolinha explicou o que se passou.

- A maldita raposa apareceu aqui e pediu meu filho e disse se eu não desse, ela subia e eu iria ficar sem os meus filhotes.

- Urubu Rei então falou: se a Raposa vier aqui novamente, fale para ela que Raposa não sobe em árvore, pois só anda no chão igual a sapo e sai para o rio.

No outro dia, a Raposa chegou novamente, pedindo o outro filhote.

- Rolinha, jogue seu filho para mim.

- A Rolinha respondeu: Não vou jogar nenhum.

- A Raposa disse: se você não jogar um de seus filhos, eu vou subir.

- A Rolinha respondeu:

- Raposa, você não sobe em árvore, você só anda no chão iguala sapo. A Raposa perguntou:

- Quem te contou que eu não subo?

- A Rolinha respondeu, foi o Urubu Rei.

- A Raposa novamente perguntou:

- Para onde ele foi?

- A Rolinha disse:

- Ele desceu para o rio.

- A Raposa foi atrás do Urubu Rei e gritou:

- Oh, Urubu Rei, fofoqueiro! Agora vou te comer!

- Espera um pouco, estou muito molhado, minha carne fede muito. Depois que eu estiver enxuto, minha carne fica gostosa.

O Urubu Rei saiu do rio e ficou no capinzal e, de repente, voou. A Raposa ficou com muita raiva, porque o Urubu rei a enganou.

Texto e desenho: Krititmke Tony de britto Xerente

ESTRELA - WASI TOPRE



Era uma vez, um menino que numa noite, olhou para o céu e se admirou com tantas estrelas. O menino se assustou e disse:

- Poxa! Que estrelas lindas? Quero uma para mim.

Mas como posso ter uma estrela se elas estão muito longe de mim? De repente o menino se assustou.

Olha!, olha!, quero aquela para mim. O Menino falou com a Estrela: - Estrela!, você é muito linda.

E na noite seguinte, o menino olhou para o céu e avistou novamente aquela estrela que ele achava bonita.

Poxa!, que Estrela linda que você é!

- Queria você para mim. Então o menino se apaixonou, de verdade, pela estrela.

No dia seguinte, ele só pensava na naquela estrela.

Quando chegou na terceira noite, o menino, o menino olhou novamente para o céu e falou pela última vez naquela noite, com aquela estrela.

- Será possível que você não me ouve, de tanto que eu gosto de você? O menino olhou para o céu até se cansar de tanto olhar para aquela estrela.

O Menino foi para sua casa. Deitou-se e dormiu. Na terceira noite, , a estrela desceu até o menino, na sua casa, enquanto ele dormia. A estrela o chamou bem devagarinho.

Menino!, menino!, acorda, sou eu, a estrela.

O menino levantou a cabeça bem de mansinho e olhou.

Será que é você mesma? Meio sem acreditar e se perguntou em seu em seu pensamento.

Será que é verdade?

É você mesma? Eu gosto muito de você.

- A estrela respondeu que sim; - Sou eu mesma.

- Eu vim te buscar para ir comigo para o céu.

O menino rapidamente respondeu:

- Vou sim com você.

- Então vamos. Os dois subiram numa corda de algodão vermelho, para o céu.

O menino já estava no céu. Quando ele chegou lá, já havia crianças, idosos e jovens, como se fosse aqui na terra.

Havia comida, batata doce e milho. Foram os alimentos que a estrela ofereceu para o menino, quando ele chegou lá.

Os dias se passaram até o menino se tornar um jovem grande. Ele conheceu muitas coisas e costumes da origem das estrelas do céu.

Até que um dia, o menino se lembrou de onde veio. Queria saber como voltaria novamente para a terra, mas a estrela já tinha se apaixonado muito por ele. A estrela tinha muito ciúme dele. O jovem menino ficou sabendo e pensou:

, mas falou para a estrela que queria voltar para sua casa.

A estrela não concordou, então, o jovem menino pensou. E agora? Como vou voltar para minha casa? Mas o menino curioso perguntou?

Como foi você foi até mim e como chegamos aqui? A estrela disse:

Tenho corda de algodão vermelho, que vai até lá e nela que eu te trouxe.

O jovem menino ficou sabendo e pensou- Amanhã quero que você vá à roça bem cedo, buscar comida, pois quando ela voltar já estarei com as coisas todas prontas.

A Estrela concordou. Já que ela era tão ciumenta, fazia tudo para o jovem menino. Mas assim que ela foi para a roça, o jovem menino correu até onde a corda ficava, porque a estrela fazia as coisas tudo muito rápido.

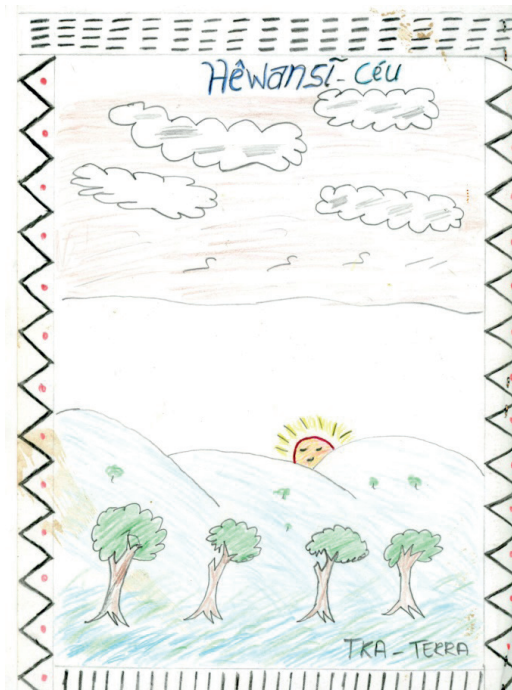
O menino pegou a corda e desceu, acabando de chegar em casa de onde veio, o jovem menino ficou tão alegre, pois já tinha muitas saudades da sua casa.

Quando chegou a sua terra, o menino jovem decidiu, que iria cortar essa corda, porque a estrela viria novamente atrás dele.

Deu certo, pois a estrela também gostava muito dele e tinha grandes ciúmes dele.

A estrela descia atrás dele, mas quando viu que a corda havia sido cortada por ele, ficou chorando, chorando muito e falou:





Se eu estou muito triste, ele irá sofrer muito sentindo a mesma dor que eu. Mas você não irá ser feliz. Porém um dia o jovem menino sentiu muita febre e morreu.



Texto e desenho: Júnior Xerente





Literatura Indígena

do Tocantins

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Literatura Indígena

do Tocantins

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br